

# Arte indígena Kaingang em tramas

## Área Temática: Cultura

Tadeu dos Santos<sup>1</sup>, Sheilla Patrícia Dias de Souza<sup>2</sup>, Bruno Montanari Razza<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Bolsista USF-SETI, contato: santos.tadeu17@gmail.com

<sup>2</sup>Prof. Depto de Teoria e Prática da Educação – DTP/UEM, contato: spdsouza2@uem.br

<sup>3</sup>Prof. Depto de Design e Moda – DDM/UEM, contato: bmrazza@uem.br

**Resumo.** *Este estudo analisa aspectos da cestaria Kaingang da Terra Indígena (T.I.) Ivaí, comercializada em Maringá (PR) e mediada pelo acolhimento dos indígenas na Associação Indigenista – ASSINDI – Maringá. As ações fazem parte do Projeto: Design e Arte na Valorização da Cultura Indígena Kaingang do Paraná. A metodologia baseia-se em fontes bibliográficas e na História Oral. A análise investiga o processo de produção da cestaria Kaingang e a reciprocidade observada nas ações promovidas nas oficinas de formação junto aos indígenas. Foram considerados o uso de matérias-primas originárias e naturais, na produção da cestaria Kaingang. As atividades desenvolvidas no projeto possibilitaram a retomada de práticas ancestrais, que deixaram de ser praticadas na T.I.*  
**Palavras-Chave:** *Kaingang – Territorialidade – Arte indígena.*

### 1. Introdução

Com a crescente necessidade de desenvolver caminhos para a comercialização da produção indígena, o Projeto Design e Arte na Valorização da Cultura Indígena Kaingang do Paraná (USF-SETI), visando a sensibilização sobre a riqueza material na cestaria indígena, desenvolve ações que contribuem na relação entre consumidores urbanos e população Kaingang da Terra Indígena (T.I.) Ivaí.

O presente trabalho teve como objetivo analisar as transformações das cestaria Kaingang na Associação Indigenista ASSINDI - Maringá, apresentando a relação histórica das mudanças no contexto sócio cultural indígena em contato com ambientes urbanos. Esta análise permite fornecer conhecimentos que deram suporte às ações desenvolvidas no projeto. A ASSINDI desde 2000 recebe em seu centro cultural os indígenas Kaingang que procuram a cidade de Maringá para vender sua cestaria.

A cidade existe para o indígena como fronteira a ser ultrapassada, ainda que o território Kaingang é fundamental como fonte de vida nos aspectos de subsistência básica e como local de resistência cultural. O acesso à terra é condição essencial desta sobrevivência, em termos físicos e em relação à etnocultura (SEEGER; CASTRO, 1979. p.101). A partir do contato com os não-indígenas e com a expropriação de suas terras de origem, os Kaingang continuam a deslocar-se de acordo com o seu sistema próprio. A mobilidade indígena nas cidades e a dinâmica de transformação da cultura Kaingang por meio do trançado possibilitou que mantivessem formas tradicionais e ao mesmo tempo passassem a inserir novos materiais, como a anilina e a fita sintética, que foram ressignificados em suas criações. A questão é levantar respostas para descobrir como se dão as relações entre Kaingang, natureza e o processo de transformação da cestaria.

O trabalho baseia-se na hipótese sobre as relações de reciprocidade entre o povo Kaingang da Terra Indígena Ivaí e os contextos urbanos em relação à hibridação de matérias-primas naturais e as incorporações de novos materiais encontrados nas cidades. É importante considerar que a memória e a relação com o território influenciam na identidade indígena e nas práticas culturais. Isso encontra-se manifesto por meio dos trançados Kaingang, nos quais as marcas do contato toram-se visíveis. Apesar das modificações, por outro lado, observamos que muitos elementos da cultura Kaingang permanecem na cestaria, como por exemplo, a simbologia presente nos trançados, que revela a cosmovisão Kaingang da dualidade clânica Kamé e Kainru.

Os Kaingang pertencem ao tronco linguístico macro jê, no qual os grupos costumam dividir-se em duas metades opostas exogâmicas. Os indivíduos da metade *Kamé* apenas podem casar-se com indivíduos da metade *Kainru* e vice-versa. Cada metade possui símbolos distintos, que estão presentes na pintura corporal e na cestaria Kaingang. O contato com a cidade e com as dinâmicas urbanas modificou essas práticas, porém os símbolos continuam presentes nos grafismos presentes na cestaria. Os Kaingang, quando vem para cidade de Maringá ficam hospedados na ASSINDI, durante 30 dias, tempo necessário para que vendam sua cestaria e retornem para a T.I. Ivaí. Assim, novos grupos podem permanecer de forma rotativa no abrigo da ASSINDI. A partir da mediação estabelecida durante o contato com a cidade acontece a incorporação e a re-significação de novos elementos em sua cestaria.

Sobre aspecto territorial, de acordo com os estudos de Tommasino (2000, p.224), observamos que na cosmovisão Kaingang o território de origem (*emã*) corresponde ao espaço onde permanecem a maior parte do tempo, ou seja, onde atualmente está situada a terra indígena Ivaí. Este espaço representa o local onde os Kaingang desenvolvem suas práticas originárias, mas também é considerado local de confinamento, devido às políticas públicas que determinaram que sua morada seja apenas nesse local, ignorando suas práticas de mobilidade e alojamentos temporários em outros locais. Por outro lado, o local de passagem temporária (*wāre*) é o acampamento improvisado, ambiente de caça, coleta e de extração de matérias primas. Este local tornou-se atualmente um espaço que corresponde aos espaços urbanos, que representam a extensão das matas. É importante destacar que esta análise é de grande relevância no presente projeto, pois nos aproxima da compreensão sobre aspectos simbólicos que enfatizam a diversidade das concepções sobre meio ambiente e território, no contexto histórico específico dos Kaingang do Ivaí. A relação de espaços e tempos, manifestos nos conceitos de *emã* e *waré* encontram correspondência nas relações entre passado e presente (respectivamente *uri* e *wāxi*), ligados às transformações que, no contexto das relações com as cidades, indicam as mudanças no uso de matérias primas, técnicas e simbologias presentes na cestaria Kaingang. (MOTA; NOELI; TOMMASINO, 2000, p. 216-219). Nessa relação, as intervenções sobre a cultura Kaingang evidenciam que eles tiveram que elaborar novas concepções de sociedade e de mundo para sobreviverem no contexto histórico, a partir do contato com populações urbanas.

O problema é que, o ambiente de escassez e precariedade em que vivem os Kaingang, exige que os indígenas busquem alternativas e novas parcerias no contexto urbano, como acontece na relação estabelecida com a ASSINDI e também com as possibilidades surgidas a partir das ações do presente projeto. Por meio dos trabalhos realizados buscamos atuar como mediadores entre os objetivos propostos e as especificidades da cultura originária Kaingang. O trabalho que realizamos também se desenvolve, no sentido de traduzir para a população urbana, conceitos chave para a valorização de sua cestaria, por meio da divulgação de sua riqueza simbólica, diretamente ligada a sua cosmovisão dual. Consideramos que os resultados a curto prazo dizem respeito à valorização da cestaria Kaingang por parte da população urbana que tem acesso às mídias digitais e físicas desenvolvidas no projeto. Por outro lado, percebemos que a longo prazo, os resultados apontam para a percepção dos próprios Kaingang da T.I. Ivaí sobre o valor de suas produções originárias.

Atualmente verificamos na produção Kaingang, que os pigmentos naturais foram substituídos pelos corantes industriais, como as anilinas. Contudo, a reincorporação dos pigmentos naturais em sua produção na cidade, apresenta aos indígenas algo novo para eles, que é o interesse dos não indígenas sobre seus conhecimentos ancestrais, conferindo também o fator de aumento da auto estima, bastante fragilizada por séculos de preconceito desde a colonização do país. Compreendemos que estes aspectos somados às novas formas de ocupação do espaço e construção do tempo, constituem as dinâmicas da transformação cultural. Isso é o que nutre os Kaingang, construindo seu modo próprio de existir, além de relacionar suas práticas à memória sobre sua cosmologia, narrada por muitas gerações por meio da

sua cultura, em diálogo com a natureza. A memória cultural presente na cestaria, está associada ao entrelaçamento entre mito, vida e natureza, como verifica-se na identificação de cada planta ou animal, pertencente a metade Kamé e Kainru, representada no grafismo por meio da pintura e na cestaria características de heranças estéticas dos Kaingang.

## 2. Objetivos

O objetivo deste estudo foi analisar e compreender aspectos relacionados à natureza, à territorialidade e à cultura dos indígenas Kaingang em suas relações com o trançado na cestaria. Neste trabalho é apresentado um recorte do projeto, sendo o resultado do trabalho com a população Kaingang na ASSINDI com oficinas de tingimento natural e de produção de cestas.

## 3. Metodologia

O trabalho foi realizado baseando-se em fontes bibliográficas, documentais, bem como recorrendo à metodologia da História Oral, nas entrevistas com indígenas Kaingang. Os recursos metodológicos permitiram verificar os elementos da cultura material (cestaria) e suas transformações e permanências no contexto urbano. O trabalho é um “[...] tipo de pesquisa social com base empírica, é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação e do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (THIOLENT, 2003, p.14).

## 4. Resultados

A pesquisa-ação, realizada nas oficinas de produção de cestaria com artesãos Kaingang na ASSINDI, foi constantemente avaliada pela equipe do projeto. Nas oficinas foram oferecidos aos indígenas matérias-primas utilizadas para o tingimento da cestaria, como o cipó penú-vá-pé (*Arrabidaea chica*), do qual obtém-se duas cores, mediante dois processos diferentes. A cor laranja é obtida com o cozimento da taquara junto com o cipó. Para obter a cor preta, a taquara tingida com o cipó é posteriormente enterrada durante alguns dias, por meio da imersão das fibras de taquara tingida em um local alagado perto das margens de um rio.



**Figura 1: Oficina de produção de pigmento natural, utilizando folhas do cipó Penú-vá-pé da cultura Kaingang para tingir as talas de taquara matéria prima na aplicação do trançado étnico. Fotografia: Aron Brito.**

A dificuldade de obter a taquara, devido à restrição da mobilidade com o confinamento em territórios demarcados após o contato, levou os Kaingang da Terra Indígena Ivaí a buscarem alternativas, como o uso da fibra plástica. Também realizamos oficinas com a utilização de fita plástica, oferecendo uma variedade de cores bastante maior que a utilizada geralmente pelos Kaingang, já que não tem acesso a cores variadas no comércio local. Com a compra de fibras plásticas de outros

fornecedores, o projeto pôde oferecer, durante as oficinas, o desenvolvimento de cestaria com composições cromáticas mais complexas, permitindo a possibilidade de ampliação das vendas.

Foram também desenvolvidos na ASSINDI estudos para a definição de peças com uso de pigmentos tradicionais da cultura Kaingang. Estes estudos tiveram como fundamentação teórica o mestrado pelo autor, sobre as transformações da cestaria Kaingang o contexto da fricção interétnica e das publicações realizadas pela ASSINDI. Desta forma, com base nos trabalhos de investigação e análise, os métodos foram construídos também na observação das práticas de trançado, tendo em vista as historicidades Kaingang, redefinidas em sua dimensão sócio-cultural.

## 5. Conclusão

Os trabalhos realizados evidenciam a riqueza da memória ancestral, materializada na cultura, como uma janela que se abre. Surgiram muitas questões que nos sensibilizaram para novos paradigmas. Um deles aponta para dois extremos: paralisia e reação. Paralisia que estigmatiza e generaliza, representada pelo preconceito, fruto do desconhecimento sobre as culturas indígenas. Por outro lado a reação, que dirige nosso olhar para nos despirmos da rigidez das ideias preconcebidas sobre os indígenas e que nos leva a reação, para poder enxergar a expressão plástica que são as vestes étnicas da riqueza da etnoestética.

A arte indígena deve ser vista em reciprocidade, considerando tempos e espaços distintos dos padrões eurocêtricos. Os indígenas produtores de cestaria Kaingang se autodenominam artesanistas. Percebem que existem elementos artísticos em seu trabalho, que precisam ter o devido reconhecimento por parte da população brasileira. Arte, design e história juntos, comunicam e apresentam narrativas frequentemente invisibilizadas. Acreditamos que nosso trabalho, além dos aspectos sócio-econômicos e culturais, consiste também em um ato político necessário para reverter o processo de séculos de discriminação e de fronteiras. No senso comum costuma-se pensar que os índios são fechados, mas acreditamos que nós ainda não nos abrimos para eles.

## Referências

MOTA, L. T.; NOVAK, É. D. S. **Os Kaingang do vale do rio Ivaí: história e relações interculturais.** Maringá: Eduem, 2008.

TOMMASINO, Kimiye. Território e Territorialidade kaingang. Resistência cultural e historicao de um grupo Jê, in: MOTA, Lucio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva; TOMMASINO, Kimiye (Orgs.). **Uri e Waxi: estudos interdisciplinares dos Kaingang.** Londrina : UEL, 2000. p.191-226

MOTA, Lucio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva; TOMMASINO, Kimiye (Orgs.). **Uri e Waxi: estudos interdisciplinares dos Kaingang.** Londrina : UEL, 2000. p.377

SANTOS, Tadeu dos. **Arte, identidade e transformações na cestaria Kaingang da Terra Indígena Ivaí, no contexto de fricção interétnica.** (dissertação de mestrado) UEM- Maringá 2018, p. 237 diponivel em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/5347>

SOUZA, Sheilla Patrícia Dias de. **Arte e cultura indígena: povos Guarani e Kaingang na Associação Indigenista – Assindi – Maringá: Caiuás.** Paraná, .2013.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**, 12º edição, São Paulo: Cortez, 2003.

SEEGER, Anthony & Eduardo B. Viveiros de CASTRO. **Terras e Territórios Indígenas no Brasil.** *Revista Encontros com a Civilização Brasileira* n. 12, p. 101-114 .Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1979.